

Reflexões Sobre Literatura e Pós-humanismo

Sonia Torres (UFF/CNPq)
Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira (UFF/UAB)

Testemunhamos, nas últimas décadas, a entrada em uma nova era, com transformações dramáticas em todas as dimensões da vida contemporânea – um momento de mudanças estruturais, paradigmáticas e epistemológicas, profundas. É interessante notar que a expressão “mudança paradigmática” remete às ciências *hard*, sendo o primeiro uso do termo atribuído a Thomas Kuhn (1962), que, em sua obra *The Structure of Scientific Revolutions* (1962), escreveu:

A transição de uma crise de paradigma para um novo paradigma, a partir do qual uma nova tradição de ciência normal possa emergir, está longe de ser um processo cumulativo, alcançado pela articulação ou extensão do antigo paradigma. É, antes, uma reconstrução que muda algumas das generalizações teóricas mais elementares do campo, assim como muitos dos métodos e aplicações do paradigma. Durante o período de transição, haverá uma superposição ampla, porém nunca completa, entre os problemas que podem ser resolvidos pelo antigo paradigma e aqueles que podem ser resolvidos pelo novo paradigma. Mas haverá, também, uma diferença decisiva nos modos de solucionar os problemas. Quando a transição estiver completa, a profissão terá alterado sua visão do campo, seus métodos e seus objetivos. (p. 84-85 – trad. livre)

Trocando em miúdos, quando surge um número suficiente de anomalias, dentro do paradigma corrente, a disciplina científica entra em um estado de crise.

A partir dos anos 1960, a expressão passou a ser empregada em outros contextos, pelas ciências sociais e humanas, para descrever mudanças profundas, causadas por novas epistemologias que alteram nossa visão de mundo. Da mesma forma que as ciências, as humanidades vêm enfrentando a crise da emergência de novos paradigmas, a partir de Freud e Marx, do nascimento da antropologia – sendo que esta última, juntamente com a teoria da

desconstrução, informa as perspectivas feministas, os estudos de gênero e pós-coloniais. E, mais recentemente, pós-humanistas, que anunciam nosso devir como humanoides híbridos (para empregar mais um termo que vem das ciências da vida).

Como críticos literários, trabalhamos com instrumentos teóricos diferentes daqueles das ciências (seja biotecnológica, social ou política), cujas ferramentas baseiam-se no princípio da realidade. No entanto, podemos situar grande parte da produção artística contemporânea exatamente na interface entre ciência e literatura, no paradigma do que se convencionou chamar pós-humano. São textualidades que versam sobre questões fundamentais relacionadas à nossa era de ontologias borradas, em que “a tecnologia e o humano já não se apresentam de forma tão dicotômica”. (BUKATMAN, 1993, p. 5), e que reconfiguram a subjetividade de maneiras novas – via de regra, por intermédio de uma representação metafórica da relação entre o ser humano orgânico e as máquinas por ele construídas ou as inovações tecnológicas introduzidas na modernidade tardia, que apontam para outras formas de se conceber o humano. Essa representação metafórica surge no pós-guerra, quando a literatura, e outras formas de representação, como o cinema e as histórias em quadrinhos, começam a especular sobre as consequências da cibernética para o sentido que damos a “humanidade”.

Alguns críticos, como Haraway e Hayles, concebem a tecnologia de forma a incorporar o ser humano. Haraway propõe o desmantelamento das fronteiras que separam o inerte do orgânico, o humano da máquina – e, também, o humano do animal. Em seu conhecido, e frequentemente citado, ensaio precursor, “O manifesto ciborgue” (2000), ela convoca a figura do ciborgue como anunciador não só de um futuro pós-humano mas de apagamento de categorias como gênero e espécie. Os ciborgues, animais de companhia e outras figurações de que fala Haraway lembram a noção de rizoma de Deleuze (1997), sugerindo a importância de se criar quadros de referência conceituais que nos permitam pensar a interdependência de humanos e seus ‘outros’, biológicos ou não, no momento histórico em que esses outros surgem, ou retornam, para por em desalinho os fundamentos da visão de mundo humanista. De forma semelhante, para Hayles (1999), as analogias entre seres humanos e máquinas inteligentes constroem o humano em termos da máquina, e vice-versa, facilitando, dessa forma, a identificação de nosso envolvimento em um mundo complexo, caracterizado por uma parceria dinâmica entre o humano e o não-humano. Hayles entende o pós-humano como a transferência de informação entre o mundo material, corpos orgânicos e a consciência. Nesse sentido, seu trabalho contesta a separação entre materialidade e informação, problematizando um suposto salto da realidade corpórea para a informação abstrata.

Todas essas ideias desafiam noções tradicionais sobre a individualidade e a delimitação do corpo humano – gerando ansiedades e ambiguidades que são representadas tanto nas narrativas científicas quanto nas literárias. Hayles (1999) dá importância ao papel desempenhado pela narrativa, no sentido de articular o pós-humano como conceito tecnocultural, argumentando que “o texto literário muitas vezes revela, como a ciência não consegue fazê-lo, as questões culturais, sociais e representacionais ligadas às mudanças conceituais e inovações tecnológicas”. (p. 22) Susan Squier (2004) – para citar outra autora que defende a relevância da interface ciência/literatura – sugere que a literatura é um veículo ideal para se abordar a tecnociência, já que ambas compartilham as mesmas ansiedades do momento cultural em que estão imersas; e por serem áreas do conhecimento sem delimitações claramente definidas. Ainda segundo Squier (2004, p. 46), a divisão dos objetos de conhecimento em científico ou literário foi construída como solução para resolver controvérsias do passado, que dizem respeito a âmbitos e regimes disciplinares. Nunca é demais lembrar que tanto as humanidades quanto as ciências são maneiras pelas quais nossa mente busca compreender a experiência humana, muito embora deem ênfase a aspectos distintos dessa experiência. O imbricamento da tecnociência na obra ficcional causa uma reverberação, e expõe os mecanismos complexos que constituem a rede a que damos o nome de conhecimento.

Alguns críticos têm associado o pós-humano a um mundo pós-ideológico, onde as fronteiras de classe, raça, etnia e gênero já sofreram um colapso, ou em que “a subjetividade humana é [...] uma construção em ruínas” (SILVA, 2000, p. 9). As imagens recorrentes e discussões candentes sobre a exaustão das humanidades, para além de um simples lamento sobre o “fim de tudo”, apontam para o esgotamento dos modelos retóricos antropocêntricos que formam o aparato ideológico ocidental da epistemologia humanista. A questão do ser(mos) humano(s) (re)emerge nos debates sobre a modernidade e as experiências do corpo humano. Ao longo do século 20, o conceito de ‘homem’ foi alvo de uma crítica filosófica radical impossível de ser ignorada. É digno de nota que o momento em que a antropologia ganhou seu maior impulso, e em que as demais disciplinas passaram a com ela dialogar, foi, também, o momento em que o humanismo passou a ser contestado como projeto universal, tanto histórica quanto teoricamente. Essa contestação reflete-se na literatura contemporânea, sobretudo em revisões históricas e estéticas.

No âmbito deste número temático da revista *Gragoatá* – “Textualidades contemporâneas de ruína e resistência” – buscou-se criar um espaço crítico que se abrisse para a reflexão acerca de como os discursos e ideologias que contribuíram para modernidades presentes e passadas são retrabalhados por autores contemporâneos, instigando-nos a repensar o humano/humanis-

ta. Assim, no gesto de justaposição de ruína/resistência/ficções/pós-humano, nossa intenção é assinalar uma sutileza reflexiva entre esses termos, dentro da proposta de pós-*humanismo* crítico defendida por Badmington (2003; 2005, grifo nosso), de perspectiva interdisciplinar, em que o pós-humano figura como reflexão crítica sobre a modernidade, situando-o dentro da prática crítica de repensar o humanismo. O “pós” de pós-humano não implica a ausência do humano ou uma mudança biológica ou evolucionária para além do humano. O ponto de partida é buscar compreender o que foi omitido da visão de mundo antropocêntrica. A produção e aplicação de tecnologias precisam ser entendidas como manifestações da história – essa “disciplina impiedosa do contexto” – (E. P. Thomson, citado em APPADURAI, 1996, p. 17) e de forças culturais específicas. Os debates sobre (ou respostas a) o pós-humano (a integração sujeito-máquina, as novas experiências genéticas ou ‘vidas’ virtuais, por exemplo) tratam do impacto das tecnologias sobre nossa compreensão do que é ser humano e trazem à tona oposições como o eu/outro, corpo/consciência, representação individual/social, interpretando tais oposições, via de regra, como produtos do humanismo. Até a mais refratária das dicotomias humanistas – natureza vs. cultura – tornou-se alvo de interrogação. No lugar das oposições citadas, surgem conceitos como superfície, redes, fluidez, pastiche, hibridismos, associados às incertezas da modernidade tardia. Dentro desse quadro, a subjetividade já não é vista como uma unidade metafísica, e o corpo já não é a soma de partes exclusivamente orgânicas. Como resultados das novas tecnologias surgem novas formas híbridas de natureza/cultura, levando a (re)considerações sobre a condição (pós)humana.

Três aspectos distintos informam os textos culturais e as teorias sobre pós-humanismo: a) o descentramento do humano, não mais visto como o centro ou origem do conhecimento; b) a recusa em se considerar o humano como espécie dominante ou superior; c) a reconfiguração da categoria “humano”, em termos de sua relação com a máquina ou o animal evolucionário. Neste sentido, o humano como categoria é referenciado em termos cartesianos e adotado como o modelo a partir do qual ele é percebido nas sociedades ocidentais – via de regra, o que é conhecido como o sujeito humanista tradicional. Elaine Graham (2002) observa que

A cultura ocidental pode estar enfrentando uma “crise” tecnologicamente mediada da singularidade humana, mas uma forma mais satisfatória de se elaborar um quadro da situação poderia ser em termos do apagamento de fronteiras, de uma dissolução da “higiene ontológica” pela qual, nos últimos trezentos anos, a cultura ocidental vem traçando linhas limítrofes que separam humanos, natureza e máquinas. Relatos definitivos da natureza humana serão de maior rendimento se, ao invés da descrição de essências, forem delineados os limites. (p. 11, trad. livre)

Focar na reavaliação dos limites implica o reconhecimento do que está em jogo teoricamente. As teorias sobre o pós-humanismo contribuem para a reconsideração das fronteiras que definem o humano, ao mesmo tempo em que se voltam para noções de hierarquia e conceitos de fixidez. Badmington (2003) argumenta que a reestruturação da abordagem do humano começa, necessariamente, com uma consideração sobre como tais ideias se estabeleceram na filosofia ocidental e, por sua vez, nas sociedades ocidentais. Esse autor oferece uma crítica da trajetória, do momento exato em que o humano é estabelecido na cultura ocidental, de maneira a continuar a influenciar a sociedade, a cultura e as políticas das sociedades contemporâneas, lembrando-nos, frequentemente, que o humanismo permanece como uma influência que não pode ser ignorada, e tampouco completamente apagada:

De uma perspectiva informada pelo pensamento [de Lyotard e Derrida], o “pós” de pós-humanismo não (pode) marcar ou romper radicalmente com o legado do humanismo. Os “pós” falam de (com) fantasmas, e a crítica cultural não deve esquecer de que ela não pode simplesmente esquecer o passado. A escrita da condição pós-humana não deve buscar criar ‘lápides’ para o humanismo, mas deve, antes, tomar a forma de uma práxis crítica que ocorra *dentro* do humanismo, e que consista não no velório mas na reavaliação do discurso humanista. O humanismo aconteceu e continua a ‘nos acontecer’ (é, de fato, o que nos faz ‘nós’) e a experiência [...] não pode ser apagada sem deixar traços, em um instante (BADMINGTON, 2003, p. 21-22, trad. livre, grifos do autor)

Cary Wolfe (2010, p. xvi) suplementa as observações de Badmington, acima, ao afirmar não se tratar de “rejeitar o humanismo *tout court* – na verdade, há muitos valores e aspirações a serem admirados no humanismo – mas, antes, de mostrar como tais aspirações foram enfraquecidas pelos quadros de referência filosóficos e éticos usados, a fim de conceitualizá-las.” A discussão entabulada por Wolfe é, em grande medida, ancorada na noção de que o pós-humanismo não se limita a análises sobre a tecnociência. Em obra anterior, ele havia convocado para sua discussão o que podemos denominar zoontologia, através da qual, ao remover a diferença metafísica radical entre o humano e o animal, ele reinsere o humano no contexto da natureza:

[...]a questão do animal encontra-se imbricada no contexto mais amplo da teoria pós-humanista de maneira geral, em que os problemas éticos e teóricos de subjetividades não-humanas não precisam ficar limitadas apenas à forma animal (como dramatizada, recorrentemente, pelos escritores de ficção científica). Por outro lado, o animal possui uma especificidade como objeto de práticas discursivas e institucionais, especificidade esta que lhe concede um poder particular em relação aos demais discursos sobre alteridade. Porque a figura do ‘animal’

no ocidente (ao contrário, digamos, do robô ou do ciborgue) é parte de uma história literária que vem pelo menos de Platão e do Velho Testamento, nos fazendo lembrar que o animal sempre esteve especialmente, ameaçadoramente, próximo, sempre espreitando, no coração das negações constitutivas e nas fantasiosas narrativas de autoconstrução da figura chamada “humana” (WOLFE, 2003, p. 17, trad. livre)

Uma das aporias constitutivas da modernidade é a construção do homem (e aqui marcamos, propositadamente, o gênero masculino, visto que a mulher também sofreu exclusões na retórica humanista) como separado do animal. Agamben (2011), abre sua obra *O aberto* especulando sobre uma gravura do século 14, do Banquete Messiânico do último dia, em que os justos são representados com cabeças de animais. Ou seja, o humano concluído estaria, finalmente, reconciliado com sua porção animal. Tanto Agamben como Wolfe estão inseridos no pós-humanismo, na medida em que procuram mostrar como a cultura ocidental fez do homem o resultado da simultânea divisão e articulação entre animal e humano, na qual um dos termos sempre esteve em posição latente de risco. Esta posição de risco ajuda a explicar os discursos sobre raça, gênero, sexualidade, colonialismo e animalidade presentes na literatura e no cinema contemporâneos, onde o animal é representado como Outro, sugerindo analogias com segmentos excluídos da humanidade. Mas também aponta para processos de reconfiguração ontológica que estão na pauta da atualidade, em que se fazem presentes duas questões prementes: a administração da vida biológica e a animalidade dos humanos (e a humanização do animal). Genoma, economia global e ideologia humanitária seriam as três faces desse processo pós-histórico, no qual a humanidade assumiria sua própria fisiologia.

Constatamos, através da leitura de textos teóricos que tratam do pós-humano, elementos complicadores no emprego do próprio termo. Para uns, ele antecipa o futuro pós-biológico da humanidade, geralmente tendo máquinas como nossos descendentes evolucionários. (cf. MORAVEC, 2000) Para outros, como Katherine Hayles, essa linearidade é problematizada, com nuances mais complexas. Para esta autora, o pós-humano não deve ser descrito como uma ruptura apocalíptica com o passado, mas, antes, como uma relação em que inovação e replicação se superpõem – um padrão que ela denomina *seriation* (seriação), termo que toma emprestado da antropologia arqueológica.¹ Esta relação encontra analogias com o texto literário, na medida em que, quando lemos obras de ficção, não é incomum nos defrontarmos com uma série de narrativas que “pensam entre épocas”². Em *Culture After Humanism*, Iain Chambers (2003) discute as metáforas de Heidegger sobre o lar, o mundo e a terra, oferecendo uma leitura contrapontual, através das lentes da globalização e do pós-colonialismo. Chambers aborda a questão de como se

¹ Na antropologia arqueológica, é comum fazer-se o mapeamento das mudanças nos atributos de artefatos, através de quadros de seriação. Alguns atributos mudam de um modelo para o outro, enquanto que outros permanecem iguais. Esta técnica serial revela padrões de inovação e replicação – como, por exemplo, no caso da mudança da lâmparina para a lâmpada, em que o pavio é substituído pelo filamento, mantendo a mesma função, qual seja, de iluminar. Hayles estrutura os capítulos de seu livro *How We Became Posthuman* como um *serial chart*, mapeando a história da cibernética desde a década de 1950.

² Estamos realizando um deslocamento no termo empregado por Casullo em *Pensar entre épocas: memória, sujeitos e crítica social* (Barcelona: Grupo Editorial Norma, 2004), obra em que ele discute as experiências históricas que marcam a maneira de intelectuais latino-americanos entenderem e confrontarem o passado.

pensar na história mundial pelo lado revés das construções intelectuais engessadas, pela perspectiva do aberto, onde qualquer ideia “subjéitiva” fundamenta-se unicamente no “outro” instável, combinando presente e passado (como a combinação de rock com música barroca, que ele usa para exemplificar). O autor frisa que a mudança paradigmática pós-humanista não inaugura um universo anti-humano e tampouco anuncia o fim do sujeito, mas, antes, propõe “um sujeito que *difere*, e uma ética diversa de entendimento” (CHAMBERS, 2001, p. 3 – grifo do autor)

Em seu “Post-Scriptum Sobre as Sociedades de Controle”, Deleuze (1992), por sua vez, argumentou que as novas tecnologias inauguraram instâncias subjéтивantes capazes de substituir as velhas instituições de confinamento, típicas das sociedades disciplinares.³ Cabe refletir, então, acerca do papel desse novo sujeito “biotecnológico e teleinformático”, neste novo regime de poder. Cabe, ainda, refletir sobre as tensões e paradoxos: de um lado, a materialidade ‘pura’ (as tecnologias propiciando que se viva cada vez mais o concreto – a máquina, o consumo, o corpo); e de outro, a questão da consciência e memória humanas. Estarão elas no corpo ou dentro da máquina? Paula Sibília, autora de *O Homem pós-orgânico: corpo, subjéтивidade e tecnologias digitais* (2002), tece considerações sobre o triunfo da memória informática, fazendo referência às metáforas [...] que permeiam os discursos de cientistas

que defendem abertamente a *compatibilidade* entre a mente humana e os aparelhos informáticos, na procura de métodos para “turbinar” nossa cognição. As pesquisas desenvolvidas sob a direção de Hans Moravec, por exemplo, visam a descobrir um método eficaz para “fazer download” das informações supostamente contidas dentro do cérebro humano, a fim de transferir as memórias para um suporte informático. (SIBILIA, 2008, p. 37, grifo da autora)

Por outro lado, tais discursos prometem o esquecimento, i.e., “conteúdos” gravados no cérebro podem ser recortados, editados, deletados, copiados e retocados digitalmente. Para Sibília (2008), esse sonho de compatibilidade entre os dispositivos informáticos e os circuitos mentais, a sedução de uma memória totalmente sob controle, que possa ser programada e otimizada, é “politicamente útil no projeto de sociedade em que estamos imersos. Essa memória não é apenas *compatível* com nossas máquinas, ela também é *compatível* com nosso mundo”, posto que

[...] as novas técnicas são – ou almejam ser – bem mais eficazes que aqueles métodos analógicos que procuraram interpretar a mente e esculpir a alma ao longo da era industrial. Pois aquela velha substância imaterial, a alma, que de algum modo era compatível com os antigos saberes e dispositivos analógicos, não era apenas rígida, opaca e resistente à penetração técnica, mas além disso era misteriosa por definição: escondia teimosa-

³ Vem à mente, por exemplo, o caso dos avatares do Second Life, que inaugura uma nova instância de presença/ausência, em que o sujeito está fisicamente presente, mas sua mente “vive” uma realidade paralela. Podemos conjecturar que ele sofre um duplo confinamento, já que, muitas vezes, prefere a “outra” vida, virtual, e se sente “prisioneiro” da vida real.

mente seus segredos, que jamais se revelariam por inteiro. Já a informação inscrita em nossas células é bem mais acessível: seus enigmas estão sendo decifrados. E, por serem compatíveis com nossos artefatos digitais, o grande sonho da tecnociência é que todos esses códigos e sinais logo serão transparentes: totalmente decifráveis e, portanto, maleáveis.(p. 38)

As ansiedades e ambiguidades apontadas aqui se refletem em várias obras de ficção contemporâneas que empregam, crescentemente, gêneros oscilantes ou voláteis – sugerindo a dificuldade de se dar conta de narrar as tensões onto-epistemológicas vividas pelo ser humano contemporâneo, ou mesmo o colapso entre as fronteiras onto-epistemológicas. São obras que oscilam entre a revisita a gêneros mais ‘tradicionais’ e gêneros mais populares, como ficção científica, romance policial, literatura de especulação ou de fantasia etc., além de incorporarem gêneros não ficcionais, como ensaios e teorias científicas. Grande parte dessas obras apresentam enredos com elementos científicos, tecnológicos ou futuroológicos e, muito embora não possam sempre ser identificadas, ou rigidamente categorizadas, como ficção científica, há que se reconhecer a migração de material de ficção científica para o *mainstream* literário, nos últimos anos. Jameson (2006) analisa esse fenômeno a partir da crise de representação, no capitalismo tardio, argumentando que o romance tradicional encontra-se por demais comprometido com o que ele denomina “realismo ontológico”. Para ele, o romance tradicional não imagina de maneira adequada o que é significativo, porque o significativo é algo que ainda não existe. (p. 109) Jameson aponta, assim, para a crise – que, como escreveu Gramsci (1995), em outro contexto, “consiste precisamente no fato de que o velho está morrendo e o novo não pode nascer”. (p. 276)

Para Jameson (2005), as narrativas figurais têm o potencial para nos fornecer uma espécie de variação experimental de nosso universo empírico. Ele busca a resposta para a seguinte pergunta: “O que pode ser dito ou mostrado na narrativa figural que é impossível de ser codificado na linguagem psicológica da narrativa realista?” (p. 304) Na Introdução de *The Cambridge Companion to Science Fiction*, Sarah Mendelsohn (2003) problematiza a ficção científica como (sub)gênero literário, argumentando a favor da mesma como uma discussão ou modo de narrar. Se nos voltarmos para o vasto repertório de obras que incorporam uma forma hibridizada, convocando técnicas narrativas da ficção científica, do *cyberpunk* ou do horror, com suas intercontaminações híbridas, de impureza radical, que eliminam distinções de categoria através da interação do humano com animais, mutantes e máquinas, encontramos representações muitas vezes mais acuradas da época em que vivemos do que aquelas encontradas nos gêneros miméticos tradicionais. A representação desierarquizada do híbrido e do abjeto nessas narrativas subvertem a construção da diferença

pejorativa, tornando-as uma seara ideal para se examinar o que Haraway (1992) descreve como “a promessa de monstros”.

A referência de Haraway a promessa, dialoga, evidentemente, com Derrida (2002), quando o filósofo francês diz que o homem (sic) é um animal de promessas: “Há muito tempo, há tanto tempo, então, desde sempre e pelo tempo que resta a vir, nós estaríamos em via de nos entregar à promessa desse animal em falta de si-mesmo.”

Há muito tempo, pois.

Há muito tempo, pode-se dizer que o animal nos olha?

Que animal? O outro. (p. 15)

Promessa remete-nos, por sua vez, à crise da esperança da atualidade. A “crise da esperança” tem sido descrita como uma condição social de nosso tempo por inúmeros intelectuais (Jameson, Zournazi, Bauman, Negri e Harvey, para citar apenas alguns). Uma das características da modernidade tardia é, certamente, a falta de entusiasmo em relação ao futuro que tínhamos na alta modernidade. Duas visões contemporâneas que defendem esse esgotamento manifestam-se na argumentação de Fukuyama (1992; 2003) de que chegamos ao fim da história; e na noção de “choque de civilizações” de Huntington (1996). Em um sentido amplo, podemos descrever essa crise como um sentimento de impotência diante de forças poderosas, incontroláveis – tanto naturais (aquecimento global, mudanças climáticas, ameaça de desastre ecológico) quanto sociais (mercado de capital global, decisões políticas opacas). Concomitantemente, várias formas de perigo desafiam nosso entendimento de privacidade, segurança, atuação e liberdade, na modernidade tardia. A busca de alternativas para um mundo regido pelo capitalismo global em que organizações sociais e econômicas tradicionais se transformam rapidamente, gerando insegurança e desigualdades cada vez mais gritantes, faz com que surja com uma nova urgência, em meio à crise da esperança, a possibilidade, ou promessa, da utopia.

Esta tensão entre esperança e desesperança crescente é um espaço produtivo para examinar textualidades – utópicas, distópicas, heterotópicas, tecnotópicas, e-tópicas – para, nas palavras de Gayatri Spivak (cf. ZOURNAZI, 2002, p. 173), “trazer a crise à tona”, e criar novos diálogos.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O aberto: o homem e o animal*. Lisboa: Edições 70, 2011.

- APPADURAI, Arjun. *Modernity at Large*. Minneapolis & London: U of Minnesota P, 1996.
- BADMINGTON, Neil, ed. *Posthumanism*. Palgrave Macmillan, 2005.
- _____. "Theorizing Posthumanism" *Cultural Critique*, n. 53, p. 10-27, [Winter] 2003.
- BAUMAN, Zigmunt. "Utopia with No Topos". *History of the Human Sciences*, v. 16, n. 1 2003, p. 11-25.
- BUKATMAN, Scott. *Terminal Identity*. The virtual subject in post-modern science fiction. Durham & London: Duke UP, 1993.
- CHAMBERS, Iain. *Culture After Humanism: History, culture, subjectivity* London/New York: Routledge, 2001.
- DELEUZE, Gilles "Post-Scriptum sobre as sociedades de controle". In _____. *Conversações*. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 219-226.
- _____; GUATARRI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo. Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou (a seguir)*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FUKUYAMA, Francis. *Our Posthuman Future: Consequences of the biotechnology revolution*. New York: Picador, 2003.
- _____. *The End of History and the Last Man*. New York: Free Press, 1992.
- GRAHAM, Elaine. *Representations of the Post/Human: Monsters, aliens and others in popular culture*. Manchester: Manchester UP, 2002.
- GRAMSCI, Antonio. *Selections from the Prison Notebooks*, Ed. e trad. Quintin Hoare e Geoffrey Nowell Smith. New York: International Publishers, 1995. 1. ed. 1971.
- HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In SILVA, Tomaz Tadeu da, org. e trad. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 33-118.
- _____. (1992) The Promises of Monsters: A Regenerative Politics for Inappropriate/d Others. In *Cultural Studies*, eds. Lawrence Grossberg, Cary Nelson e Paula A. Treichler. London and New York: Routledge.
- HARVEY, David. *Spaces of Hope*. Berkeley: U of California P, 2000.
- HAYLES, Katherine N. *How We Became Posthuman: Virtual bodies in cybernetics, literature and informatics*. Chicago: Chicago UP, 1999.
- HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order*. New York: Simon & Schuster, 1996.

JAMESON, Fredric. The Experiments of Time: Providence and Realism. In *The Novel*, v. 2, org. Franco Moretti. Princeton: Princeton UP, 2006, p. 95-127.

_____. *Archaeologies of the Future: The desire called utopia and other science fictions*. London: Verso, 2005.

KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago: U of Chicago P, 1962.

MENDELSON, Farah. Introduction: Reading Science Fiction. In *The Cambridge Companion to Science Fiction*, ed. Edward James e Farah Mendelsohn. Cambridge, USA: Cambridge UP, 2003, p. 1-12.

MORAVEC, Hans. *Robot – Mere Machine to Transcendent Mind*. Oxford, USA: Oxford UP, 2000.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. *Multitude: War and Democracy in the age of empire*. New York & London: Penguin, 2006.

_____. *Império*. Rio de Janeiro:Record, 2005.

SIBILIA, Paula. "Drogas do esquecimento e implantes cerebrais; a informatização da memória". *Ciencia e Cultura*, v. 60, n. 1, 2008. Disponível: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000100015&lng=en&nrm=iso>. Último acesso: 4/5/ 2014.

_____. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da, org. *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SQUIER, *Liminal Lives: Imagining the human at the frontiers of Biomedicine*. Durham: Duke UP, 2004.

WOLFE, Cary. *What is Posthumanism?* Minneapolis: U of Minnesota P, 2010.

_____. *Animal Rites: American culture, the discourse of species, and posthumanist theory*. Chicago: U of Chicago P, 2003.

ZOURNAZI, M. *Hope: New Philosophies for Change*. Annandale, Australia: Pluto Press Australia, 2002.